

## ENTREVISTA

### CONVERSA COM MESTRE MILTON PRIMO — VIOLEIRO, CANTADOR E COMPOSITOR

Katharina Döring<sup>1</sup>

MILTON JOSÉ PRIMO DA CRUZ nasceu em São Francisco do Conde – BA, pesquisador do samba chula e da viola machete, bacharel em ciências contábeis, além de cantor e compositor. Depois de produzir os discos *Dádiva e Romances* (2003-2005), mergulhou no universo infantil e lança, em 2009 com a *Companhia Cultural Mont'Arte*, o livro-disco e espetáculo teatral infantil *Papos D'Versos*. Em 2007, finalista do V. Festival de Música da Rádio Educadora FM, produziu e assinou a trilha sonora do DVD *Essa luz e essa cor*, finalista do Programa BNB de Cultura na categoria audiovisual. Produziu o DVD *Samba Chula Filhos da Pitangueira*, participando como violeiro em 2008 e, em 2011, produziu com Petry Lordelo o CD *Heranças* do mesmo grupo.

Milton Primo ministra aulas de execução da viola machete na Associação Cultural Zé de Lelinha e ASSEBA, e trabalha com iniciativas de salvaguarda de bens de natureza imaterial, como o Samba Chula, repertório de samba da viola machete e a Queima da Palhinha, produzindo e difundindo registros audiovisuais destas tradições culturais do Recôncavo da Bahia. Servidor público do município de São Francisco do Conde, Vice-Presidente da ALARME (Academia de Letras e Artes da Região Metropolitana–BA) e membro da Academia de Cultura da Bahia. Elaborou e coordena o projeto “Essa Viola dá Samba!” desde de 2012, com vários prêmios e patrocínios acumulados, dando continuidade à construção e o ensino da viola machete e do samba chula para varias gerações em São Francisco do Conde.

#### **K: Me conte um pouco da sua vida, Milton!**

Meu nome é José Milton Primo da Cruz, na verdade Primo é da minha mãe, de ascendência italiana, e Cruz do meu pai, ele é nascido aqui, onde chamava-se Bela Vista, hoje não existe mais, hoje é Campinas isso aqui. Então, nasci aqui em São Francisco do Conde, na rua Ministro Bulcão Viana.

---

<sup>1</sup> E-mail: Katharina.doring@gmail.com.

Eu não nasci em maternidade, minha mãe foi pra uma parteira, talvez quem sabe mais, até Dona Lina, a esposa de seu Zé, ela morava ali perto das imediações... ou vou perguntar isso a minha mãe, quem fez o parto... Então, isso foi em 1968, completei agora 50 anos e 10 anos assim, ativamente no Samba *Filhos da Pitangueira*<sup>2</sup>... Então, eu nasci aqui, então eu lembro, que eu via e ouvi, a gente chama de Rancho, ne? Tem o *Lindroamor*, o próprio *Reisado*, o *Bumba-Boi*, normalmente tinha festa de Reis, a Queimada da Palhinha que a gente também já resgatou agora, alguns anos em atividade, e até a própria Capoeira! Então, em todas essas manifestações, eu lembro isso que eu estava – até o próprio samba chula de Seu Zeca, que até então, eu não tinha uma relação íntima – a viola, ela sempre esteve presente! Em todas essas manifestações, sempre! Até na própria capoeira, tem aquele samba corrido..., mas o *Lindroamor* quando termina, tem um sambinha, mas a viola sempre ali presente! As próprias rodas de samba que antigamente tinha muito mais... na verdade, minha referência maior de viola, foi até mais seu Zezinho!

Que quando cheguei mais próximo de seu Zé (de Lelinha)<sup>3</sup>, ele já estava praticamente sem tocar. Tenho uma lembrança auditiva do som de seu Zé (de Lelinha), mas aí, meus pais foram pra Santo Amaro, tinha uns dez anos pra mais... Fiquei lá até terminar o segundo grau e fui pra Salvador, fazer faculdade, estudar e em 88, até em 92, imediatamente prestei concurso aqui na prefeitura de São Francisco do Conde! E lá se vão 24 anos de serviço público já! Eu fiz o curso de ciências contábeis e entrei na prefeitura como contador. Fiquei pouco tempo, lá no setor de finanças, mas de cara vi, que não era minha, a minha aptidão! E com alguns anos, eu já fui pra secretaria de cultura, estou até hoje! Sempre trabalhei com essas iniciativas de audiovisual, tenho

---

2 Formado em 1986 por Mestre Zeca Afonso, o grupo se dedica exclusivamente à prática do samba chula tradicional de São Francisco do Conde-BA, sendo um dos grupos mais antigos que existem na região, que valoriza principalmente o canto da chula e do relativo em duplas de cantadores e o toque e a viola machete, instrumento tradicional do recôncavo e quase extinta. Zeca Afonso aprendeu a tocar e cantar o samba chula desde pequeno através do pai e do avô que levava ele para todas as rezas de São Cosme, São Roque e Santo Antônio. O grupo faz questão de pregar a tradição que reza que somente mulheres podem entrar na roda para sambar — uma de cada vez durante as partes instrumentais que intercalam com os versos cantados pelos homens.

3 Jose Vitorio dos Reis, o famoso violeiro “Zé de Lelinha”, era o tocador de viola machete no grupo *Samba Chula os Filhos da Pitangueira*, de São Francisco do Conde, mas faleceu em setembro de 2008. Ele foi um dos últimos tocadores em atividade de viola machete, fabricado por Clarindo da Viola, na altura do inventário do Samba de Roda pelo IPHAN, e seu trabalho foi registrado pelo IPHAN com registro dos seus toques e ensinamentos.

um bom relacionamento com o pessoal da cultura, eu falo assim, os mestres das manifestações: Pessoal dos Gandus, dos escapa-bodes, pessoal da capoeira, do samba... sempre tive ligado a eles! Então, eu ficava prestando serviço com a secretaria: atender a entrevistas, quando vinha televisão, fazendo registro audiovisuais dessas manifestações, recebendo turistas, e aí foi!

### **K: Como foi sua chegada no samba chula, no samba de viola?**

Em 2008, Katharina, eu conversando com Djalma que é filho do Seu Zeca... ah primeiro assim, eu tinha uma viola machete que Boião<sup>4</sup>, um dos mestres que eu considero pra mim, ne, o maior de todos! Eu não gosto de estar julgando... mas é um cara que pelo aprendizado, pela vivencia, pela transmissão – eu aprendi muito com ele – pra mim, ele foi assim insuperável! Ele meu deu uma viola, ainda jovem! Eu tocava violão, eu brincava... eu já não tinha essa relação íntima, falo íntima com o samba, eu não tinha... eu tinha uma viola, eu brincava, já com essa memória assim, de sons da viola de seu Zezinho que eu ouvia muito mais, vi e ouvi! Zezinho de Campinas, ele morava aqui, grande violeiro! Um absurdo, tocava demais!<sup>5</sup>

Então... sim, aí brincava, brincava de viola! Aí encontrei Djalma em 2008, que ele também estava na prefeitura. Eu pra Djalma: como ta o samba e tal... eu não tenho visto samba chula tocar, como é que vai seu Zeca?... Aí ele falou que temporariamente, o samba estava realmente com as atividades paralisadas porque Seu Zeca Afonso<sup>6</sup>, na rigidez do fundamento do samba, ele

---

<sup>4</sup> Nelson Mendes, chamado Boião, “é mestre gritador de chula que vive em São Francisco do Conde. Como a maioria dos sambadores do Recôncavo, aprendeu a arte quando criança, observando os mais velhos. Trabalhou como pescador e embarcadiço no tempo do trânsito intenso de saveiros na Bahia de Todos os Santos, e por conta desse ofício conheceu várias cidades à beira-mar. Boião voltou a fazer chula quando saiu da Igreja. Procurou músicas na memória e encontrou mais de 300 chulas antigas. A mente de Boião guarda um acervo raro de peças que constituem a base de uma memória social importante para o Recôncavo da Bahia” ([www.reconcavo.wordpress.com](http://www.reconcavo.wordpress.com))

<sup>5</sup> José Humberto da Cruz de Campinas de São Francisco do Conde, o Zezinha da Viola “frequentou muitas rodas de samba e rezas e carurus de festas de candomblé antes de se interessar pelo estudos dos instrumentos e do samba chula. Aprendeu a tocar com um violeiro conhecido como “Jorginho” de Santo Amaro e ainda hoje se considera o melhor violeiro da região.” (Nobre, 2008, p. 86-87) O etnomusicólogo e músico Cassio Nobre fez várias gravações de campo e gravou uma faixa com o Mestre no CD “Viola de Arame no ano 2010. Seu Zezinho faleceu no ano 2011.

<sup>6</sup> Nascido em 1935, José Afonso Gomes, é conhecido como mestre sambador Zeca Afonso, grande referência da tradição do samba chula na cidade de São Francisco do Conde. Como os demais cantadores de chula, Zeca Afonso trabalhou na produção de cana de açúcar, mas se aposentou como servidor municipal. Há 50 anos, Seu Zeca Afonso preserva a regra do samba chula tradicional com seu grupo

não fazia samba com cavaquinho! Não tinha violeiro... então, o samba parou, seu Zeca parou o samba... aí Djalma lembrou que eu tinha uma viola pra tocar e aí, ele falou com Zeca, eu lembro! Aí, o telefone tocou, era Zeca! Ele me convidou pra... vamos fazer um ensaio pra ver como é que você se sai e tal, aí fiquei ansioso (risos)... Mas eu disse, ta bom! Eu tinha umas coisas também, o próprio CD que o IPHAN produziu. Aí, a gente tocou, as sambadeiras gostavam, Dona Nalva, Dona Neuza, Seu Zeca... Isso já faz 10 anos com o grupo Filhos da Pitangueira, a gente já ganhou um edital, gravou um CD, viajou, palestras... a gente estava até em Pedrão, mês passado! A gente recebe vários estudantes aqui, estamos dando seguimento a essa tradição que seu Zeca canta. Eu sou a favor dessa manutenção do repertório, do jeito de cantar, do jeito de tocar... estamos caminhando nessa estrada.

### **K: Você poderia voltar um pouco para o ano 2008, quando o violeiro Zé de Lelinha faleceu?**

Foi o ano quando eu realmente intensamente, foi quando começou mesmo, essa minha missão! No aniversário de 40 anos, 2008 – que Zeca fundou formalmente o grupo em 1968 – em 2008, Seu Zé de Lelinha já não tocou mais, quem tocou foi Zezinho, mas Zezinho também já tava... fez pela consideração e a amizade a Zeca! Eu lembro, Petry (*Lordelo, professor de educação física, com mestrado sobre o samba chula na educação*) estava nesse dia também, Jean Joubert (*etnomusicólogo, pesquisador da viola machete*) que trabalhou com a viola, Raiana Maciel (*etnomusicóloga, pesquisadoras do samba de roda*) veio, foi uma festa bonita! Seu Zezinho tocou, e dali já não tocou mais, o samba parou mesmo! Eu lembro que toquei em agosto, ou setembro, desse mesmo ano, já estava tocando.

E, como eu já falei, eu gostava de estar no meio cultural, e ele como violeiro, cantador e sambador sempre gostei, ele sim, eu vi muito tocar assim ao vivo, eu vi! Ele me ensinou muita coisa! Eu toco basicamente que seu Zé me ensinou, que eu vi e ouvi, dentro do repertório ancestral do seu Zé, mas muita coisa do que eu vi, na prática foi através de Zezinho. Sempre passei lá na casa dele, tenho muita coisa registrada dele, falei com ele, Seu Zezinho vamos

---

*Samba Chula Filhos da Pitangueira*, que tem sido o único grupo em todo Recôncavo que manteve a viola machete até o instrumento ser revitalizado nos últimos anos.

brincar! Aparentemente, ele fosse até parente do meu pai, que ele é José da Cruz, talvez fossem até primos, não sei. Ele tinha também uma consideração por mim, ele sempre brincava.

Seu Zezinho era mais violeiro mesmo. A chula, essencialmente foi com Boião e depois com Zeca, mas ultimamente, mas eu escutava vários deles... Seu Dionísio, Mundinho... quem mais? Hoje eles pararam, muitos por causa de saúde, alguns faleceram, restam poucos dessa geração. Mas é uma questão mesmo de vivência! Você começa respirar aquilo, quando você vê... hoje, estou ali com seu Zeca também, e a gente tem um grupo alternativo que chama *Samba Chula Renovação*. A gente faz alguns experimentos: o próprio uso do trombone e tal, mas dentro do fundamento sem alterar as regras! Eu digo que basicamente a inserção foi só do trombone, as regras são as mesmas, o repertório... ai, sim, eu entro com repertório autoral, por isso que é renovação! Porque como a gente também tem uma certa habilidade pra fazer, eu gostei de cantar, tenho um parceiro que faz uma segunda voz pra mim, muito boa! Então, a gente tem um repertório nosso, justamente para arejar um pouquinho essa musicalidade, o próprio repertório que a gente vê, que praticamente, às vezes é o mesmo, que vem já de gerações.

Alguns grupos têm uma certa habilidade como o próprio Zeca que faz as músicas dele, mas basicamente o repertório é aquele que se torna até repetitivo, que eu adoro também! Mas no *Renovação* a gente traz um trabalho autoral, também no samba das crianças, o samba mirim, também temos um repertório só pra eles: tentei focar na comunidade, no bairro, nos instrumentos, a vivência deles também! Então, a gente tem um repertório do samba mirim, a gente tenta trazer do repertório deles, sem esquecer a tradição. Talvez a metade do repertório seja de domínio (público), porque eles também precisam.... Cantar o que os mestres cantavam, o jeito de cantar! Porque quando a gente canta o que for antigo, eles vão ter a referência, não é que porque sou contemporâneo, que estou trazendo já para os ouvidos deles, mas quando trago a chula do *carreiro*, da *andorinha preta*, da *paleta d'água*, das rezas de Santo Antônio, algumas canções que tem também temática do candomblé. Então, eles precisam escutar isso, eu acho que sim! Faz parte também daquela questão da transmissão! Eu trago também a tradição pra eles!

### **K: Quando você se descobriu músico, Milton?**

Meu tio tinha um supermercado, meus pais também não eram assim muito abastados financeiramente, tive que trabalhar, tinha um supermercado assim em baixo, então, eu com 15, 16 anos já estava lá, foi com esse salário que comprei um violão, que sempre quis... meu pai e tal, tinha cinco irmãos, então tive que trabalhar, gostei! Eu também, não tenho formação musical, eu não sei música, (risos!) Não, pera, eu quis dizer teoria musical, tudo foi intuitivo, nunca entrei na escola de música... então comprei esse violão, sempre aprendi, gostei, percebi que eu tinha uma certa vocação pra criação, sempre compus, ne, que vem a se revelar anos depois, já com bastante trabalho autoral também... Isso foi com 16 anos... Eu tinha um violino que eu brincava, eu vou te mostrar que Boião me deu, mas como falei com a convivência com eles e tal, a gente vai aprendendo! E essa memória fica aqui, ne? Eu lembro sim! Porque as referências que eu tive, foram poucas de Seu Zé de Lelinha, mais de Zezinho... o que tive também foram as gravações. Jean (*Joubert*) ... eu sempre falo nas entrevistas... porque ele foi contratado pelo IPHAN na época do Dossiê, então ele registrou alguma coisa de seu Zé de Lelinha... Foi através dessas gravações de Jean, que tive uma maior percepção do jeito que Zeca queria... Jean disponibilizou, depois de anos, ele entregou lá no Iphan em Brasília que veio pra Casa do Samba, eu acho que Rosildo (*Rosário*)<sup>7</sup> depois compartilhou, eu tenho esse acervo também de Jean.

### **K: Vamos conversar um pouco sobre a Velha Guarda do Samba Chula!**

Depois de anos que vim conhecer, nos encontros e assembleias, o Seu Celino<sup>8</sup>, eu não tinha essa referência, e Seu Aurino, que praticamente

---

<sup>7</sup> Rosildo Moreira do Rosário. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2003), mestrando em História Afro-brasileira, pela UFRB. Professor da Prefeitura Municipal de Santo Amaro e na Prefeitura Municipal de Saubara. Atua como produtor cultural no Recôncavo da Bahia com enfoque nos grupos de Samba de Roda e de Cheganças e Marujadas da Bahia. Membro e coordenador da Associação Chegança Fragata Brasileira e do Encontro de Cheganças da Bahia. Coordenador do Projeto da Rede do Samba do Samba de Roda, ex-diretor da ASSEBA — Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia.

<sup>8</sup> O violeiro e sambador Celino dos Santos, de Terra Nova, um dos mais antigos e melhores tocadores de viola machete, nasceu no dia 27 de setembro 1950 em São Sebastião do Passé, dia tradicional da reza e do samba de caruru para Cosmo e Damião. Mestre Celino toca em vários grupos de samba de roda, mas

depois de seu Zezinho eram os violeiros que tinham aqui da Velha Guarda. Felizmente estão aqui com a gente. Mas já tinham uma certa cisma e tal, foi uma soma de conhecimentos, de observação que na verdade, eu vejo que é tudo realmente tem uma matriz que está repetitivo, mas tem que ser utilizado. É praticamente a mesma coisa, que muda é a interpretação na digitação das notas, mais as frases... em termos de criação, acho que é muito pouco, só naquela hora que a sambadeira entra na roda, que eles começam a brincar, mas basicamente a base, as passagens, que a gente chama de passagens, basicamente são as mesmas, o que não deixa de ser belo! Porque é muito próximo, porque como te falei, uma questão, apenas da interpretação do instrumento, mas eu quero dizer essencialmente a harmonia (do ponto da teoria musical, seria a mesma coisa, mas a forma de tocar, de interpretar). Sim, a gente pode até trazer isso do canto, que cada cantador tem a sua toada! A toada de seu Zeca não é a mesma toada de João do Boi<sup>9</sup> e não pode ser mesmo não! Aí que está a beleza da interpretação!

Mas eu acho muito similar, muito próximo, as bases, quando o samba chula está, ele fica na base, praticamente a mesma... Ai, quando falo da digitação da interpretação, raríssimos que... alias eu aprendi que a viola não é com palheta, a viola é com tiara, então a harmonia praticamente não muda, é como te disse, talvez na interpretação da execução na escala da viola, mas a harmonia essencial, acho que é sempre a mesma sequencia... eu vejo pouco improvisado, quero dizer improvisado! Uma criação instantânea, eu vejo pouco, as passagens são sempre ancestrais, as bases também, até Seu Celino! O que muda são as afinações que a gente coloca, que não são do andamento diferente do samba. Eu toco na natural e na travessa, mas Celino já domina outros, que tem um ouvido mais educado e tal, eu falo da percepção musical, percebe que muda! Ai, as frases tambémàs vezes podem mudar... o que são os violeiros, eu não vi tocar de palheta, então praticamente o estilo, o de Seu Zé, o

---

começou a se organizar para tocar na casa dos outros, com os parceiros conhecidos para cantar e tocar nas rezas, carurus e festas nas fazendas. Depois do Inventário do samba de roda, ele fundou o *Filhos da Terra* que desde de 2008 está sendo coordenado pelo professor, músico e compositor Alexnaldo dos Santos, coordenador da ASSEBA e da Casa do Samba de Terra Nova.

<sup>9</sup> João Saturno, conhecido como “João do Boi”, grande Mestre sambador e cantador de chula de São Braz — Santo Amaro, referenciado em inúmeras publicações e pesquisas, filmes e CDs. Formava parêntese no grupo “Samba Chula de São Braz” com seu irmão querido Antônio Saturno, chamado “Seu Alumínio” que faleceu em 2014. Depois formou seu grupo “Samba Chula de João do Boi” e continua se apresentando até hoje.

de Celino, de Aurino<sup>10</sup>, o que eu absorvei praticamente, é muito similar! é o que transmito para os meninos!

**K: Você pode falar um pouco do seu trabalho, quando você toma iniciativa cultural, e começa a realizar projetos?**

Me incomodava muito, hoje nem tanto, graças a Deus, a questão da escassez da viola! Aí, com Djalma, “a gente ta parado, porque não tem quem toque...” – no próprio Dossiê (do Samba de Roda – IPHAN) que você participou com Sandroni, Ari e tal, eu li que vocês mapearam... na verdade, existiam mais! Estava escrito que eram quatro violas, duas com Zeca, uma com Aurino, uma com Mestre Quadrado, uma com Zé da Glória... Ah sim! Eu tinha algumas, em Santo Amaro, sei onde tem umas quatro, ou três, em Amélia Rodrigues tinha... Talvez umas quinze violas, ou 20, talvez! Talvez existia isso aí, ativas não sei! Talvez tinha algumas, com Celino, não! Celino não tinha machete! Então, isso me incomodava! Em 2012, a prefeita era Rilza, não lembro bem, mas vou chegar lá, eu submeti, como pessoa física, já com “Essa viola dá samba!”, um projeto para prefeitura, foi aprovado, a prefeita assinou, baratinho, 12 mil e poucos reais na época. Seu Toinho da Duca, que depois da morte do seu pai de quase 80 anos, ele com mais de 40 anos, só Seu Toinho da Duca que manteve a tradição de construir. Eu fiz umas duas violas com ele, encomendei umas duas ou três também. Eu tenho máximo respeito por ele, total! Talvez se não fosse Tonho, a gente não tivesse hoje com a nossa história! Porque, foi a primeira viola que eu pude tocar, não assim, perfeitamente! Então, queria te mostrar, foi essa aqui!

Mas infelizmente Katharina, quero deixar bem claro, o máximo de respeito que tenho por ele, ne? Talvez pela condição financeira, pelo material

---

<sup>10</sup> Aurino de Jesus, Filho de Antônio Reis e Maria Eugenia de Jesus, nasceu em Teodoro Sampaio, onde passou parte da sua infância, antes de se mudar com a família para São Sebastião do Passe, distrito Maracangalha com a idade de 11 anos. Ele toca viola no grupo *Samba Chula de Maracangalha*, a *regra inteira* e a viola *machete*, por ser um exímio tocador de viola. Aurino conhece bem as três afinações de viola (“natural”, “travessa” e “paraguaçu”), atualmente raras de se ouvir no Recôncavo Baiano, além de cantar um vasto repertório de chulas, modas de viola e repentis. A mãe de Aurino tocava viola machete porque já vinha da família, dos seus avós e do tio dele, o Clarindo Silva, o famoso construtor de viola machete de Santo Amaro que morava e fazia samba na região da Fazenda Santa Elisa. No início da década de 1980, a morte de Clarindo dos Santos (violeiro e conhecido construtor de viola do Recôncavo) fez com que, tanto a construção artesanal de violas machete, quanto a transmissão dos repertórios de samba com a machete, fossem quase interrompidas na região.

que ele utilizava, as violas praticamente não tocavam assim, em termos de conforto de execução, para gente que é violeiro. A viola abria, a viola não afinava direito, ne? Mas, tem uma importância fundamental, foi através dela que eu também pude me aprofundar quando recebi esse material do próprio Jean – quando Zeca disse, olhe, quando você vai tocar comigo –, então, eu tinha realmente que buscar na memória, em alguns registros sonoros e tal. Mas, voltando... O que era o projeto? Até então a concepção não era a lutheria, eu ia comprar na mão deles, umas dez violas, na época não era nem caro, 400 ou 500 reais que ele cobrava... 10 violas, eu ia cobrar na mão dele pela prefeitura, e eu ia pegar essas violas pra começar a transmissão, isso foi assim em 2012 ou 2011, a prefeita assinou, mas eu lembro que era um ano eleitoral e a gente foi pro jurídico, do jurídico vai e volta, aquela questão burocrática toda.

Em 2014, a Petrobras aqui, abriu um edital chamado Petrobras Comunidades, onde ela ia patrocinar projetos culturais, onde ela tivesse área de atuação... aqui, Candeias, Madre de Deus... ficou ate um campo limitado para concorrer. Ai, nesse intervalo, já conheço Rodrigo Veras! Isso é importante de dizer! A gente conversando e tal... paralelamente houve o projeto da ASSEBA que também foi de construção (de viola)... eu sempre pensando, aí sim tem uma viola mesmo (mostrando a viola de matriz de qualidade?)

Ai, falei com Rodrigo desse projeto anterior e tal, a gente chegou a um projeto, com uma dimensão já, de uma lutheria que ele era uma peça fundamental nisso. O que era esse projeto da Petrobras? A Petrobras disse que financiava dois anos, não tinha limite de valor, citou a ele, da parte da lutheria... o que era o projeto “Essa viola dá samba? A capacitação de um grupo produtivo de artesãos, para dois anos de trabalho. No primeiro ano, eles iriam receber essa capacitação e iriam construir dez violas! No segundo ano, eu já de posse dessas dez violas, eu podia trabalhar tranquilamente na parte da execução instrumental. O que também não adiantava a gente resgatar só o feito artesanal, sim, resgatou a viola, mas pra quem tocar? Onde iria entrar a tradição, a memória ancestral? Como distribuir e tornar popular essa tradição nas comunidades de samba e para os sambadores? Tem que contemplar além da lutheria, o resgate, o repertório ancestral, é a minha maior preocupação. Hoje, já estou até mais tranquilo, que a gente já conseguiu. os anos dois que o projeto entrou, o grupo produtivo se especializou para construir mais 10 violas, de uma forma mais autônoma, Rodrigo ficou mais como monitor, e eles

construíram mais 10 violas. O curso de execução caminhando... eles tinham essa habilidade de fazer, vinte alunos frequentando as aulas.

No final do projeto, eram dois anos, o contrato era pra fazer 20 violas, de forma que foram feitas talvez 45 violas nesse período... era muito trabalho, mas dava pra fazer. Com a especialização dos alunos, eles foram fazendo, mais violas, a gente conseguiu praticamente dobrar a previsão. Dessas 10 violas do ano dois, a gente distribuiu para cinco mestres, a gente doou, quem tinha tradição de samba, mas quem não tinha viola ainda. A gente doou para Maracangalha, pra Celino, Terra Nova, Berimbau foi seu Aloisio ... e seu Manoel em São Sebastião, eles ganharam pra perpetuar o samba, tentar reintroduzir. E um trabalho que eu pretendo fazer depois, né, ver o resultado disso, quem tá tocando, se eles deram prosseguimento, se tem herdeiro, disseminando... e cinco violas, a gente destinou para geração de renda, os artesãos, porque ficou dois anos trabalhando... eles tinha que ter um retorno, as violas eram vendidos a mil e quinhentos reais, essa venda foi revertido pra eles, então, basicamente foi isso, o grupo produtivo construiu talvez 40 ou 45 violas, nosso levantamento, foram dois anos.

Em 2017, a gente contou com a compreensão do Rumos Itaú Cultural que acreditou no projeto e financiou mais um ano de projeto, a rubrica era bem menor, mas ainda foi muito bom, a gente não tinha metas de produção, o Itaú e bem tranquilo. Eu só coloquei dois alunos, Enoque e Adson para fazer um curso de especialização com Pedro Santos, um luthier de Guanambi, um dos mais renomados assim do Brasil, especialista em Bandolim para eles aprender uma técnica de outro mestre, eles foram e fizeram dois bandolins. O curso contemplava a produção, eles vieram, foram 10 dias de curso, transmitiram isso para os alunos que ficaram aqui, nos temos aqui Gabriel, temos, Alex também fez o curso. Esse curso também foi somada a uma ação que a gente chamava cinema som de viola, a gente fazia a exposição dos instrumentos, a gente exibia as produções audiovisuais, que a gente sempre fez, e sempre tinha um samba pra encerrar.... Continuamos com o curso de execução instrumental e nesse intervalo foi que veio a criançada! Os meninos! Alguns foram frequentadores do curso da Petrobras.

Paralelo a isso, houve um projeto<sup>11</sup> da ASSEBA chamado “Foi meu mestre que me ensinou” – o samba de roda mirim! Jane ficou responsável também para cuidar das meninas, eu cuido mais dos meninos da parte da orquestra percussiva, o canto e das harmonias, das cordas. E aí, tinha praticamente um samba já montado. Hoje, eu digo que a gente atendeu cerca de 60 ou 80 crianças, porque a gente vai se renovando... Isso foi 2014, há quatro anos! Quando eles fazem 15, 16 anos, aí a gente já vai pro samba de adulto, estão ate mais independentes, alguns seguem! Hoje, a gente já dá prioridade para os bem pequeninos mesmo, 8 anos, 10 anos, a gente já pega, acho que já são três gerações, estou ate fazendo a divisão de base ... tem o “dente de leite”, tem 12-14 e tem 15-16! Então, a gente se orgulha que a gente cuida da nova geração de violeiros...

**K: Aos poucos você foi se tornando um educador musical e cultural?**

Na verdade, a gente tem um papel realmente de educador, além de músico, é muito conteúdo, além da parte de harmonia, que tem os alunos de corda. Eu assumo também a parte de canto, ensino a eles como colocar a voz, a questão de aprender a segunda voz, tonalidades! é difícil! Não é coisa de se aprender ligeiro, ate veteranos tem uma certa dificuldade! Sempre tento não usar caixa de som... porque aqui, Katharina, foi assim que aprendi! Ate na oralidade mesmo, Boião mesmo, algumas passagens, ele fazia da boca: *ba ta ba pa taa, bata pa ta ba...* “faça só o som de boca ai: *Ta taa, Tata ta taa...* “ (solfejando) ele fazia de boca, igual que estou fazendo aqui: (continua solfejando)... eu ouvindo, a gente trazia para viola, e assim que faço com eles: eu não uso uma caneta, não uso um caderno, eu não tenho um “material didático”, é tudo na percepção, na observação, na prática, tem que sair com os adultos... eu sempre recebo convites de escolas, de mostras, de festivais e o processo de ensino-aprendizagem é esse, observação, percepção na oralidade, foi assim que aprendi, não tenho um livro etc.

---

<sup>11</sup> O Projeto Samba de Viola “Machete” do Recôncavo Baiano, prevê a continuidade do processo de revitalização da feitura artesanal da viola machete e toque, acompanhado de um mapeamento etnomusicológico, com produção de registros audiovisuais em torno dos detentores ainda vivos do saber tradicional da prática da viola machete — os mestres violeiros-sambadores - um instrumento musical fortemente associado à prática do Samba Chula, ou Samba de Viola, que é uma das modalidades mais raras do Samba de Roda do Recôncavo Baiano.

Sim! vamos lá, toda terça e quarta, as meninas já sabem, não precisa nem avisar mais, dia de terça e quarta, é dia das crianças, a parte prática, é o sambinha mesmo, mas nesse intervalo, a gente já pega os meninos de canto, de percussão, tenho alguns colaboradores, que também tem filhos que frequentam. Jane cuida mais do setor feminino, ... as meninas, ah vamos fazer um grupo de samba chula de menina, de mulher! Só que ate hoje não se decidiram realmente..., a gente vai fazer com as crianças, aí quero ver, estou muito curioso! As meninas do samba, que são sambadeiras, eu vou trazer pra orquestra, como já estou com essa material na mão, ja vou começar... tenho muita coisa, mas é um objeto, uma meta já que a gente vai articular pra este ano, eu acho que não vai ser muito trabalho não, viu!

### **K: Fale mais sobre essa mulher no samba de roda e suas habilidades!**

Mas você sabe que isso não é novidade? Eu não vi, mas Dona Adélia, uma mais velha de Seu Zeca, era uma eximia sambadeira! Dona Constância, tem cento e poucos anos, mãe de Zeca Afonso, era sambadeira! Na Campinas, Zezinha me falava de uma parelha, chamava Dona Delina..., então, isso já foi tradição! Existiam parelhas, que Zeca Afonso e Zezinho me disse que tinha uma parelha, em off...! não gostava muito de sambar que eles eram parentes... então, isso não é novidade! e eu sou extremamente a favor e adepto! Talvez as mulheres também não... ou não sei, por vergonha ou por não serem incentivadas, não sei, então... mas porque só limitar o papel da mulher ao relativo? ou para o coro, uma vez que eu sempre soube, infelizmente não vi, que existiam parelhas de sambadeiras! eu não vou longe não! A gente na UFBA tem um vídeo, eu tenho! Dona Lindaura e Dona Neuza, Dona Tutinha e Dona... são quatro irmãs? Dona Didi! São duas parelhas, você precisa ver, Dona Neuza faz os graves, Dona Lindaura faz o agudo! eu tenho registro disso! e nessa gravação da UFBA, eu chamo, eu digo: vocês sabiam que a mulher também grita chula? Ai, puxei, ne? Lindaura e Neuza, Neuza no pandeiro e Lindaura no microfone, cantando de primeira e segunda voz, chula e relativo! Então isso não é novidade! Talvez, isso não seja mais contemporâneo, porque eu não vi, mas eu vou trazer, isso é um compromisso!

Os meninos também, que tem uns dois que são assim mais desinibidos que sambam! eu brinquei, as meninas vão cantar e vocês vão

sambar! na brincadeira, ainda não fiz isso! Essas meninas aqui da gente, elas sabem bater, elas já sabem cantar chula, já sabem cantar o relativo... eu já tenho a mesa posta, eu só preciso servir o almoço, ou seja, você vai bater esse pandeiro aqui, eu estou ansioso pra ver! Katharina, tem um relativo, (Milton começa a tocar no pandeiro e cantar): *Me ajude a samba mulher, me ajude a sambar, mulher, me ajude a sambar!* Isso é o que? O sambador tem o maior prazer realmente para achar um parceiro ou uma parceira, alguém que ajude a você, que faça a segunda voz!

**K: Você poderia trazer suas reflexões e experiências sobre o tema das culturas populares, tradições orais, recriação de novas formas e ações para dar continuidade a tradição?**

Porque o que é o samba chula? Ele é um ritual! e um ritual tem regras, e se a gente deixa de fazer aquelas regras, a gente, não vai estar fazendo samba chula! O que eu trago, digamos entre aspas, de inovação? ... como posso dizer, o linguajar..., o repertório, com canções autorais, mais contemporâneas que estava um pouco só daquela idade. Ate no publico que esta aprendendo agora... eu brinco com a questão do trombone, porque, só pra deixar claro, Fred Dantas já fez isso, o Samba Chula de Santa Cruz, já na década de 80, eles não mexeram em nada! Ele pegou um grupo de samba chula, constituído, de santamarense que moravam lá em Santa Cruz, manteve as regras, tenho a capa do CD, eles com padrão. Primeiro e segunda voz, pandeiros, viola! Ele interagiu com a viola, ele dava as frases, revezando com o violeiro, ele não mexeu na regra, era samba chula! não deixou de ser samba chula! o repertório era deles, é o que a gente também ta fazendo agora com o samba *Renovação!* A gente vai tocar em Santo Amaro na quarta-feira... Eu não mexi na manifestação, só acrescentei um elemento ... agora quero deixar bem claro que isso é um grupo alternativo. A gente também tem o nosso grupo de Samba Chula com a tradição ancestral mesmo, com viola machete, duas parselhas, as sambadeiras! Mas, eu também, eu entendo que você não pode trazer elementos drásticos como guitarra, aí não! Ai, realmente não! Contrabaixo..., a gente respeita quem faz e tal... mas a tradição esta mantida, a gente não quebrou o ritual, a regra é mantida! A gente tentou inovar foi o repertório e essa experiência com o trombone que faz as frases da viola em

termos de harmonia, ficou uma sonoridade interessante! é uma espécie de revezamento com o violeiro!

Pois é! Aqui não, mas há localidades que têm sanfona no samba! isso pode soar como absurdo em algumas comunidades, para algum sambador ou outro, que por alguma razão, nunca viajou, nunca saiu: sanfona no samba...? Eu mesmo, quando conheci foi em Terra Nova: “rapaz aqui tem sanfona!” e no sertão, no samba rural, talvez pela escassez de violeiros... Alguns sambas, eu já vi um triângulo, o triângulo não é do forro? Então seria um pecado colocar um trombone? ... Pode haver esses questionamentos, pode não ser você, mas sempre vai ter a quem aponte: “mas você está trazendo um elemento novo?”

Como disse, Fred Dantas já fez isso há 30 anos... A questão das liras, das filarmônicas no Recôncavo, antigamente tinha muito, hoje nem tanto, Cachoeira tem muito, Santo Amaro, Saubara... e uma vez que a gente começa ter escassez de músicos, de instrumentos, porque não? Mas o importante que a tradição, a manifestação tenha necessidade. Eu gosto do resultado de uma nova sonoridade naquela manifestação, eu gosto! É uma ala que a gente realmente pretende divulgar mais, eu sou a favor, é um experimento, vamos ver, até a própria receptividade das pessoas, dos sambadores, eu ainda não vi muita reação dos mais velhos, digamos.

**K: Você poderia comentar sobre o processo do IPHAN, do patrimônio imaterial e a evolução e continuidade do samba de roda?**

Eu achei extremamente positivo a patrimonialização! foi o que, 2004/2005, treze anos já! A gente antigamente não tinha um local para se reunir, um espaço digno para receber um mestre, para se encontrar, pra fazer uma assembleia, pra fazer um debate, hoje temos uma Casa do Samba! Não só uma, tem em treze cidades! o processo é democrático, la na casa do samba tem um estúdio, onde o sambador pode depositar seu acervo, pode gravar. Uma serie de projetos, onde a ASSEBA foi proponente, é parceira também em outros, ela fez também projetos para os sambadores. Os projetos foram diversos, o samba mirim, a gravação dos CDs com os grupos, de Terra Nova, parceria com Petrobras e tudo, então, o próprio projeto nosso, com as violas, ensinou a tocar, então isso são ações positivas! o Intercambio entre os sambadores principalmente, eles não se conheciam, eu garanto que muitos

sambadores não se conheciam, isso é muito positivo! A gente chega no encontro de mestres, você encontra praticamente todas as lendas vivas hoje ainda! Isso é interessante, a gente pode trocar ideia, a gente pode ouvir o canto de um outro sambador! Antes era só via CD, ou você tinha que viajar. Então esse intercâmbio é interessante, hoje existe uma rede, já bem íntima entre eles, entre os representantes, entre os mestres, então eu acho isso extremamente positivo, isso é consequência do plano de salvaguarda! Eu dou os parabéns a essa iniciativa! algum sinal aqui ou dali, penso muito assim, o que pudesse ser feito? Não em São Francisco, porque penso que a cidade já está bem assistida, mas uma ação que pudesse capacitar mais jovens, mais artesãs que pudessem construir violas em outros polos do Recôncavo para disseminar mais a viola, para ensinar esse ofício, que pode ser uma profissão também pra eles. Poderia se pensar em algo assim, porque a lutheria é uma arte cara, uma viola realmente não é barato pra fazer. A maioria dos sambadores, todo mundo sabe, não tem poder aquisitivo. Poderia se pensar em algo para baratear o custo. [...]

Minha questão inicial foi mais, estava mais focado na viola, e foi sempre minha preocupação, poxa, eu vou lhe dizer Katharina, se a gente não tivesse feito esse trabalho, eu não sei o que seria, em termos de resgate, até de formação desses meninos novos agora, estou mais tranquilo! E meu objeto de estudo, é realmente a sonoridade da viola que quase tudo se perde, o papel dela, os registros audiovisuais tem mantido, quase não tem. Eu não tenho quase nada, existe o acervo de Ralf (WADDEY), do Tiago (DE OLIVEIRA PINTO), isso não é disponibilizado.

Mas uma coisa que me preocupa, é a questão do canto, porque vamos lá, vamos falar sério aqui, porque a gente sabe que Zeca Afonso, João do Boi, Seu Aluísio, é uma questão natural, não vão demorar muito aqui! Tirando esse pessoal, tem esses meninos chegando, mas esse intervalo? Então é uma coisa que é uma preocupação minha, já foi mais a viola! Mas a questão do canto, quando falo canto, é a chula! não é o samba corrido, que é mais fácil, os versos são mais curtos, mas repetitivo! mas saber cantar... quem vai cantar, como vai cantar o samba chula? Está sendo ensinado isso, não sei, estou vendo a pouco tempo, não sei como está esse movimento? Tomara, que esses projetos com as crianças, tenha realmente vingado também nesse setor! Porque com corda, com percussão, fico sempre acompanhando e perguntando os meninos aqui, mas pra cantar, é meio complicado, só os velhos... E algo, que

... falei ate com Góes sobre isso: tentar fazer mais oficinas, dar uma gratificação a eles!

Porque se os mestres cantavam antigamente na taipa de casa, era um trabalho árduo mesmo e hoje, já não existe mais esse perfil, hoje praticamente ninguém mais vai pra pescaria, são poucos, foi ali que cantavam na lavoura, poucos plantam hoje... Mas essa forma de cantar, é algo que realmente tem que ser estudada, por essa nova geração... vivenciar isso, esse jeito de cantar que a gente chama de toada, o jeito de gritar a chula. Mas, eu lhe digo Katharina, porque? Eu vejo isso pela minha experiência própria, se a gente oferta o samba com o canto, eles querem, eles aprendem, eles tem interesse! Como já disse, antigamente não existia tanta tecnologia... quem lê tanta notícia? é muita informação, não é só a internet, é arrocha, é funk.... a criança, o jovem fica bombardeado, se a gente não oferta a ele um certo conteúdo, ele não vai filtrar! Então eles querem, eles tem interesse, é só a gente demonstrar, quando a gente mostra, as meninas querem sambar, e os meninos querem bater pandeiro! Eu ouço muito mais de adultos: ah, isso é coisa de velho..., a criança não tem essa descrença, você pode mostrar que ela quer, ela quer tocar pandeiro, ela quer gritar o samba!

## Referências

ARAÚJO, Nelson. *Pequenos mundos: um panorama da cultura popular na Bahia*. Tomo I: O Recôncavo. Salvador: UFBA/Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.

BARRETO, Luciana (Org.). *Sambadores e Sambadeiras da Bahia*. Santo Amaro: ASSEBA, 2015.

BERNARDES, Marcus. *A construção social da música. Um estudo de memória de tradições do Samba de Roda em Conceição do Jacuípe*. Dissertação de mestrado. Cachoeira: UFRB, 2014.

BIANCARDI, Emília. *Raízes Musicais da Bahia*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2000.

DÖRING, Katharina. *Cantador de Chula – o Samba antigo do Recôncavo baiano*. Salvador: Editora Pinaúna, 2016a.

DÖRING, Katharina. *A Cartilha do Samba Chula*. Salvador: Associação Umbigada, 2016b.

DÖRING, Katharina. “Samba de Roda: visibilidade, consumo cultural e estética musical.” Em revista *Pontos de Interrogação*, v. 3, n. 2, jul./dez. Alagoínhas: UNEB, 2013.

GRAEFF, Nina. *Os Ritmos da Roda. Tradição e transformação no samba de roda*. Salvador: EDUFBA, 2015.

IYANAGA, Michael. “Samba de Caruru da Bahia. Tradição pouco conhecida.” Em Revista *ICTUS*, vol. 11, n. 2, p 120-150, Salvador: UFBA, 2010.

LIMA, Fernando de Castro Pires de. *Chula – a verdadeira canção nacional*. Lisboa: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1662.

LORDELO, Petry Rocha. *O Samba Chula de Cor e salteado em São Francisco do Conde / Bahia: cultura populá e educação não-escolá para além da(o) capitá*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2009.

MENDES, Jean Joubert F. *Relatório final de atividade com oficina de aprendizagem de viola machete*. IPHAN, 2005.

MORAES, Manoel. “Machete, Rajão, Viola de Arame, Viola Francesa”. Em Revista *Xarabanda*, n. 12. Madeira: Associação cultural, 1997.

NOBRE, Cássio. *Viola no Samba no Recôncavo Baiano*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2008.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. *Capoeira, Samba, Candomblé. Afro-brasilianische Musik im Recôncavo, Bahia*. Berlim: Staatliche Museen/Preussischer Kulturbesitz, 1991.

SANDRONI Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. Em *Estudos Avançados* 24/69, p. 373-388. São Paulo: USP, 2010.

SANDRONI Carlos. (Coord.). *Samba de Roda do Recôncavo Baiano – Dossiê 4*. Brasília: IPHAN, 2007.

WADDEY, Ralph Cole. Viola de samba e samba de viola no Recôncavo baiano. In: ARAÚJO, Nelson (Trad.). *Série Ensaios-Pesquisas* 6, Salvador: CEAO, 1980.

WADDEY, Ralph C. Viola de Samba and Samba de Viola in the Recôncavo of Bahia (Brazil), *Latin American Music Review*, 1980/81, v. 1, p. 196-212; v. 2, p. 252-279.

### Links:

Zezinha da Viola de São Francisco do Conde retratado pelo projeto *Um Brasil de Viola* no documentário da FUNARTE, dirigido por Cacai Nunes:

<https://www.youtube.com/watch?v=cxtrsRuEiCk0>

Vídeo sobre o Samba Chula Os Filhos da Pitangueira pelo projeto *Um Brasil de Viola* no documentário da FUNARTE, dirigido por Cacai Nunes:

<https://www.youtube.com/watch?v=0ryggzsz5w4>

Vídeo sobre Os Filhos da Pitangueira de Milton Primo:

[https://www.youtube.com/watch?v=C6tWaN9\\_7CQ](https://www.youtube.com/watch?v=C6tWaN9_7CQ)

Vídeo sobre o Mestre Boião, dirigido por Hugo Guarilha

<https://vimeo.com/14520249>

Vídeo com Mestre Milton Primo e Mestre Boião

<https://www.youtube.com/watch?v=qG1iiNfKbv0>

Vídeo com Mestre Aurino de Milton Primo:

<https://www.youtube.com/watch?v=mfq0EwTFGw8>

Projeto Essa viola dá Samba

<http://corpodusom.blogspot.com/2015/02/essa-viola-da-samba-sao-francisco-do.html>

<https://www.facebook.com/ProjetoEssaViolaDaSamba/>

Ponteios ancestrais da viola machete

[https://www.youtube.com/watch?v=0Ish0S0S\\_pE](https://www.youtube.com/watch?v=0Ish0S0S_pE)

Samba Chula Renovação

[https://www.youtube.com/watch?v=RpMW\\_zml3v8](https://www.youtube.com/watch?v=RpMW_zml3v8)

Milton Primo e a viola machete

<https://www.youtube.com/watch?v=IZod5Oiq2kk>

<https://www.youtube.com/watch?v=9zNG86t-KoI>

<https://www.youtube.com/watch?v=HI3GWEMqGSE>

Cantador de Chula:

[https://www.youtube.com/watch?v=H2Z\\_5wo7X\\_s&t=45s](https://www.youtube.com/watch?v=H2Z_5wo7X_s&t=45s)

Cartilha do Samba Chula:

[https://www.youtube.com/watch?v=y-\\_zDDTKcJk&t=923s](https://www.youtube.com/watch?v=y-_zDDTKcJk&t=923s)